

Renegociação vem em agosto

Pastore anuncia previsão para nova fase de negociações sobre a dívida

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, revelou ontem que, em agosto ou setembro, o Brasil iniciará a fase 3 da renegociação da dívida externa, a vencer a partir de 1985, e buscará um consenso entre bancos e países para a recomposição por prazo mais longo do endividamento e com maior realce dos entendimentos de Governo a Governo. Com a revisão da estimativa do déficit em conta corrente para US\$ 5 bilhões este ano, contra a projeção inicial de US\$ 6 bilhões, Pastore admitiu que o Governo poderá utilizar o ganho de US\$ 1 bilhão no balanço de pagamentos para criar um instrumento adicional de reativação da atividade econômica, como o menor controle das importações do setor privado.

A colocação do presidente do Bank of América, Samuel Armacost, de que o Brasil deve melhorar os termos da renegociação da dívida surpreendeu os próprios renegociadores brasileiros. O presidente do Banco Central disse que o País nem iniciou as tentativas de sondagem das condições para a fase 3 de rolagem dos compromissos

externos. Mas observou que o dirigente do maior banco do mundo expôs "uma idéia sensata e a ser perseguida".

Após almoçar com o presidente do Manufacturers Hanover Trust, John F. Mogillcubby, juntamente com os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernesto Galvães, e mais o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, Pastore esclareceu que o

Brasil sempre buscou as melhores condições para a rolagem da dívida e que, agora, estão se materializando condições para renegociar os compromissos por prazo maior e encargos mais favoráveis.

"Já ouvi dizer que a versão dos jornais brasileiros não coincide com a dos jornais estrangeiros" - observou o presidente do Banco do Brasil, antes de manifestar o apoio às declara-

ções atribuídas ao presidente do Bank of America. Em 1982 e 1983, o Brasil precisava, antes de mais nada, superar a crise de liquidez, mas Colin entende que o quadro para a fase 3 melhorou: "O próprio mercado financeiro internacional está bem mais líquido. Então, o Brasil deve superar a etapa da difícil e desgastante renegociação anual da dívida. Afinal, a dívida externa constitui um problema estrutural de longo prazo e não apenas uma dificuldade conjuntural.

Para fechar as contas externas deste ano, o presidente do Banco Central disse que a prioridade será obter o menor déficit em conta-corrente. Depois, ficará mais fácil ao Governo decidir sobre "como usar" eventual sobra da caixa, a partir da nova expectativa de que o déficit em transações correntes ficará US\$ 1 bilhão abaixo do inicialmente projetado. Pastore lembrou que se poderá usar o US\$ 1 bilhão de várias formas, até com o aumento das importações capazes de impulsionar o setor produtivo: "Depende do setor privado querer importar mais".